

“DOCUMENTÁRIO“ADRIAN COWELL 50 ANOS NO BRASIL”¹

Letícia Gouveia Rodrigues²
Frederico Mael Silva Marques Bueno³
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GO)

Resumo: O presente trabalho é uma reflexão acerca processo da realização do documentário longa-metragem “Adrian Cowell – 50 anos no Brasil”, dirigido por Vicente Rios. Ao considerar a imagem como escrituração científica no campo do cinema documental a fim de tecer nossas reflexões acerca do percurso metodológico adotado na pesquisa imagética de campo e sua função heurística na representação da história. Dessa forma, utilizou-se o método da teoria do “Câmera-Olho e o Rádio-Orelha”, de Dziga Vertov, para sintetizar 20 horas de filmes no documentário objeto, uma vez que a seleção de imagens em uma ordem definida apresentará o tema a ser tratado.

Palavras-chave: Adrian Cowell. Documentário. Cinema do Real. Montagem cinematográfica.

Resumo expandido: O projeto “Adrian Cowell – 50 Anos de Documentação Audiovisual no Brasil” tem como principal meta a realização de um documentário sobre a biografia e a obra fílmica do inglês Adrian Cowell, que por 50 anos documentou o Brasil, principalmente na Amazônia e no Nordeste.

Para o filme, um longa-metragem em SD (720x480), foram sintetizados 26 documentários, que totalizou em uma montagem de 1h40min. Considerou-se a linguagem do cineasta e seu tratamento com os assuntos e personagens, mantendo sua metodologia, suas reflexões e humanidade.

Segundo a teoria “Câmera-Olho e o Rádio-Orelha”, de Dziga Vertov, o câmera-olho é a montagem do “Eu vejo”. O rádio-orelha é o “Eu ouço”. Portanto, uma das possibilidades da arte cinematográfica reside na manipulação sincrônica entre som e imagem que o diretor estabelece. “Esta estrutura da obra cinematográfica permite desenvolver qualquer tema, seja ele cômico, trágico, de trucagem ou de outra ordem” (VERTOV, 2008). Apesar de a câmera ser mais eficiente que o olho humano, as filmagens são desorganizadas. Cabe ao diretor organizá-las de modo a transmitirem um sentido claro. Cabe a ele a exclusão do que é supérfluo.

Graças a esta ação conjunta do aparelho liberto e aperfeiçoado e do cérebro estratégico do homem que dirige, observa e calcula, a representação das coisas, mesmo as mais banais, revestir-se-á de um frescor inusitado e, por isso mesmo, digno de interesse (VERTOV, 2008, p 257).

¹ Trabalho apresentado na 12ª Semana de cinema e audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (SAU UEG) e 2º Encontro das Escolas de Cinema do Brasil Central (EECABC), que ocorreu na cidade de Goiás (GO) de 14 a 16 de junho de 2023.

² Graduada em Comunicação Social – Audiovisual pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) em 2012. Graduada em Direito pelo Centro Universitário Unifasam (UNIFASAM) em 2018. Especialista em Direito Negocial e Imobiliário pela Escola Brasileira de Direito (EBRADI) em 2020. Fotógrafa da Procuradoria-Geral do Estado de Goiás (PGE-GO) e advogada. E-mail: gouveiarodriguesleticia@gmail.com.

³ Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) em 2009. Mestre em História pela PUC Goiás em 2011. Graduado em Direito pela PUC Goiás em 2017. Funcionário administrativo do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da PUC Goiás e advogado. E-mail: buenomael@gmail.com.

Destaca-se que o câmera-olho está comprometido com o CineVerdade. A montagem feita pelo diretor contém suas visões pessoais, suas ideias próprias e suas intenções. Comentar sobre verdade em Cinema é complexo, já que a verdade subjetiva do diretor é diferente da verdade tida como a fidelização com a realidade. Ainda assim, o diretor tenta se manter distante do seu próprio eu e trabalha apenas como indivíduo responsável em mostrar a realidade de seu mundo exterior por meio das imagens.



Apesar da quantidade de filmes selecionados, buscou-se uma linearidade narrativa e cronológica entre eles, de forma a não tornar o documentário confuso e monótono. Trata-se de um trabalho que reúne filmagens de 50 anos de transformações no Brasil em seus aspectos sociais, ambientais, políticos, culturais e históricos.

Foi realizada a identificação e decupagem das imagens em movimento e sons que compõem parte do Acervo Adrian Cowell “Amazônia segundo Adrian Cowell – 50 anos de cinema”, que está sob a guarda do IGPA/PUC Goiás, com quem o Adrian firmou convênio por 30 anos. Não somente os processos de identificação e decupagem foram realizados no referido instituto, mas também todo o processo de montagem do filme, a fim de preservar a segurança do material acervado. Entre os modos de fazer documentário elencados por Bill Nichols (2008), utilizou-se predominantemente o expositivo, utilizando legendas e vozes para recortes históricos ao espectador.

Além deste modo, Nichols elenca mais outros cinco: o poético, o expositivo, o participativo, o reflexivo e o performático. No documentário objeto, há a presença ainda dos modos reflexivo e participativo, uma vez que são construídas pensamentos sobre os temas tratados e participação dos realizadores nas tramas envolvidas. No documentário, além das imagens dos filmes do cineasta inglês, foram inseridas outras filmagens sobre a pessoa de Adrian, como seu cotidiano em Londres, as de seu funeral, do depósito de suas cinzas no Rio Araguaia, planos de seus familiares, além de entrevistas de profissionais que trabalharam com ele ou lidaram com sua obra. Também foram inseridas, com muito rigor e cautela, trilha sonora de

Heitor Villa-Lobos, compositor bastante utilizado por Adrian e de quem ele mantinha considerável admiração.

Com o projeto, foi possível entender a metodologia empregada por Adrian Cowell, considerada clássica no modo de fazer documentário. O diretor inglês empregou em sua obra a entrevista, a voz over, o som direto, a trilha musical e cenas que seguem o modo observativo e expositivo dos assuntos. Assim, considerou o tempo de ação dos próprios personagens e acontecimentos registrados. Sua montagem busca a imparcialidade, sempre balanceando os antagonismos e conflitos. Contudo, é notória sua preocupação com as classes menos favorecidas e as opiniões acerca da política e da ética. Depreende-se que sua montagem é uma reunião de elementos audiovisuais que buscam transmitir o ponto de vista do diretor de forma sutil, ainda que sobre assuntos de elevada discussão e polêmica. Esta sutileza na transmissão da mensagem do diretor talvez seja o seu maior dom na linguagem cinematográfica.



Foi possível entender que a obra de Adrian Cowell é de suma importância para a história brasileira, afinal neste longo período em que documentou o país, muitos eventos ocorreram, dos quais alguns, Adrian registrou profundamente.

Em seu trabalho, é possível perceber, por exemplo, a devastação da Floresta Amazônica, que de uma imensa, desconhecida (e até assustadora) vegetação, pouco lhe resta nos dias de hoje. A humanidade, conforme registrado por Adrian e presente no documentário, arrasou a fauna e a flora da Amazônia. Outro exemplo da importância dos registros de Adrian que também está inserido no documentário é a extinção dos povos e culturas indígenas, em especial os que dependiam da Floresta Amazônica e que nas primeiras filmagens do inglês ainda não haviam estabelecido contato com o “homem branco” e sua globalização. Adrian registrou os primeiros contatos de povos indígenas com o “homem branco”, percorrendo seu sofrimento pela falta de amparo até chegar na extinção de algumas culturas e povos indígenas.

Assim, a obra de Adrian Cowell aborda diversos assuntos e eventos históricos ao longo de meio século de Brasil. É vasta a contribuição que sua obra pode representar para pesquisas e

estudos futuros acerca de variados assuntos, como, ainda a título de exemplo, as religiões de matriz africana, os projetos de desenvolvimento e expansão do Brasil, os conflitos latifundiários, as lendas e misticismo sobre a Amazônia, as transformações climáticas, entre outros temas.

Referências Bibliográficas

COLOMBRES, Adolfo. **Cine, Antropologia y Colonialismo**. Buenos Aires: Ediciones del Sol, 1985.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 4. Ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.

XAVIER, Ismail (Org.). **A Experiência do Cinema**. 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.